

A EDUCAÇÃO DE ADULTOS E O PROGRAMA DE COMBATE AO ANALFABETISMO EM PRESIDENTE PRUDENTE

Cristiano A. G. Di GIORGI¹

Maria P. de Fátima Rotta FURLANETTI²

RESUMO: Neste artigo, após traçar breve quadro do histórico e da situação atual da Educação de Adultos no País, descrevemos o programa "Combate ao Analfabetismo" desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Presidente Prudente, cuja direção pedagógica está a cargo da FCT/UNESP - Campus de Presidente Prudente. Apontamos os principais problemas didático-pedagógicos e administrativos colocados ao programa e as soluções que foram encontradas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Adultos; Alfabetização; Políticas Públicas

ABSTRACT: ADULT EDUCATION AND THE "STRUGGLE AGAINST ILLITERACY PROGRAM" IN PRESIDENTE PRUDENTE - SP

In this paper, after a brief moulding of the history and nowadays situation of Adult Education in Brazil, we describe the program "Combate ao Analfabetismo" (Struggle against illiteracy)", carried out by the mayoralty of Presidente Prudente, whose pedagogical directions are up to Unesp - Campus Presidente Prudente. We point out the main didatic-pedagogical and administrative problems faced by the program and the solutions that were found out

KEY-WORDS: Adult Education; Teaching of reading and writing; Public policies

A Educação de Adultos no Brasil é muito pouco conhecida, nos seus vários aspectos: História, Metodologia, situação atual, necessidade. Quando se sabe algo sobre ela, sabe-se mais sobre os seus problemas do que sobre as suas virtudes. É neste quadro de progressivo esquecimento e esvaziamento que alguns educadores, teimosos, obstinam-se em nadar contra a corrente e procuram atuar nesta área, apesar de todas as dificuldades. Dentre estes, estão alguns professores do Departamento de Educação da FCT/UNESP - Campus de Presidente Prudente.

Este artigo procura apresentar alguns traços essenciais da problemática da Educação de Adultos - ou melhor, da Educação de Jovens e Adultos, porque é bastante significativa parcela de

jovens da faixa de 15 a 25 anos nos programas da chamada Educação de Adultos (EDA).

Em seguida, descreveremos a evolução do Programa de Combate ao Analfabetismo que vem se desenvolvendo na cidade de Presidente Prudente, promovido pela Prefeitura de Presidente Prudente, mas cuja direção pedagógica está a cargo da UNESP.

Como afirma Haddad (1992, p.3), o principal estudioso da Educação de Adultos no Brasil, "A EDA, no caso brasileiro, se constituiu muito mais como produto da miséria social do que do desenvolvimento. É consequência dos males do sistema público regular de ensino e das precárias condições de vida da maioria da população, que

¹ Departamento de Educação - Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - 19060-900 - Presidente Prudente - Estado de São Paulo - Brasil.

² Departamento de Educação - Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - 19060-900 - Presidente Prudente - Estado de São Paulo - Brasil.

acabam por condicionar o aproveitamento da escolaridade na época apropriada.

É este marco condicionante - a miséria social - que acaba por definir as diversas maneiras de se pensar e realizar a EDA. É uma educação para os pobres, para jovens e adultos das camadas populares, para aqueles que são maioria nas sociedades de Terceiro Mundo, para os excluídos do desenvolvimento e dos sistemas educacionais de ensino. Mesmo constatando que aqueles que conseguem ter acesso aos programas de EDA são os com "melhores condições" entre os mais pobres, isto não retira a validade intencional do seu direcionamento aos excluídos".

Exatamente por ser voltada aos excluídos, a EDA coloca exigências extremamente rigorosas àqueles que procuram trabalhá-la com seriedade. É muito mais difícil obter resultados positivos com aqueles que têm enormes carências do que com a população que tem melhores condições. Mas é possível, e necessário.

Para apresentar traços essenciais da EDA no Brasil, é conveniente começar com um rapidíssimo histórico.

A primeira iniciativa importante nesta área foi a Campanha de Educação de Adultos, lançada em 1947, sob a direção do professor Lourenço Filho. Com o fim do 1º governo de Vargas, em 45, o país vivia a euforia de redemocratização. A 2ª guerra há pouco terminara e a ONU alertava para a urgência de educar os povos para a paz e a democracia. Tudo isso contribuiu para que a educação de adultos ganhasse destaque dentro da preocupação geral com a educação.

No final da década de 50 e começo da década de 60, os trabalhos ligados ao Método Paulo Freire e o movimento como o MCP - Movimento de Cultura Popular - e ao CPC - Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes - pipocavam pelo país, ligados ao clima de entusiasmo pelas "reformas de base" da época.

Todo este entusiasmo foi interrompido com o Golpe Militar de 1964. A Educação de Adultos só veio a ser retomada em 1969, com o lançamento de uma campanha massiva coordenada pelo MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), que recebia verbas significativas do governo federal.

Apesar da ideologia que abraçava (ligada às propostas da Ditadura Militar) do inaceitável centralismo (uma única cartilha nacional para realidades muito diferentes) e dos seus desacertos didáticos e pedagógicos, o MOBREAL representou uma possibilidade de estudo para milhões de jovens e adultos que não haviam tido oportunidades quando crianças.

Em 1985, com a redemocratização do país, o governo Sarney transformou o MOBREAL em Fundação Educar, repassando verbas para Estados e Municípios investirem de acordo com suas especificidades locais e com projetos pedagógicos adequados a sua realidade.

Em 1990, já nos primeiros dias do governo Collor, é extinta a Fundação Educar e o governo federal deixa de destinar verbas ao ensino de adultos. Desde então, o governo federal deixou de se preocupar com Educação de Adultos. Os poucos programas que sobreviveram têm sido, as duras penas, sustentados pelos municípios (os Estados também têm cortado seus investimentos nesta área).

É preciso ainda destacar que o governo federal mantém uma clara política de descaso, desqualificação e destituição de direitos em relação à EDA: cabe registrar que o presidente FHC vetou artigo aprovado pelo Congresso que permitia que os alunos de Educação de Adultos pudessem ser contados para efeito de distribuição de verbas do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental (inciso II do artigo 2º da lei 9424/96). Vetou também o projeto de lei nº 107/94, aprovado pelo Congresso, que instituiu o Programa Empresarial de Educação de Adultos.

Neste momento, o leitor poderá estar se perguntando: mas será que isto é grave assim? Será a Educação de Adultos tão importante assim?

Vale a pena sobre isto citar Di Pierro. Para ela, nada pode "justificar o genocídio educacional de 17,5 milhões de analfabetos e um contingente ainda maior de brasileiros que, por terem sido privados do acesso ou permanência na escola durante a infância, possuem escolaridade inferior a quatro anos de estudos. Afinal, a Constituição garante a todos o direito ao ensino fundamental público e gratuito, independentemente de idade. Há razoável consenso de que a educação básica é instrumento importante do exercício da cidadania e que um país em processo de reconstrução da ordem democrática precisa elevar o nível educacional da população. Nada menos que 22,9 milhões de jovens e adultos analfabetos ou com menos de quatro anos de estudos têm entre 15 e 29 anos, encontram-se em plena idade produtiva e constituem parcela significativa dos trabalhadores que deverão enfrentar o desafio das novas tecnologias. Suicídio econômico seria relegar à ignorância parcela tão grande da força de trabalho do país, ou ainda amargar décadas de atraso até que se formem novas gerações. Essas seriam, a nosso ver, razões mais que suficientes para que o país tomasse a educação básica dos jovens e adultos como uma das prioridades das políticas educacionais, sociais e de desenvolvimento. O que vem ocorrendo, porém, é a progressiva indiferença pelo ensino de jovens e adultos na política educacional".

Poderíamos ainda citar outras razões, hoje amplamente reconhecidas, como o fato de que a escolarização das mães tem grande influência na redução das taxas de mortalidade infantil e no melhor aproveitamento escolar das crianças.

Antes de começar a descrever e analisar a experiência de Presidente Prudente, é importante

ainda abordar dois outros pontos: a especificidade do educando adulto e o que se espera de um professor de EDA, o que ele deve ser.

O educando de programas de EDA tem várias expectativas quando volta à escola. Certamente, a mais presente é a de obter um emprego melhor. Mas outras também aparecem com grande frequência: uma vontade mais ampla de "entender melhor as coisas", de falar melhor", de "depender menos dos outros" para uma série de coisas como ler cartas, tomar ônibus, etc.

O educando muitas vezes chega à escola com receio, lembrando-se de que já fracassou anteriormente. E muitas vezes também tem a expectativa de uma escola bem tradicional, onde "se tome a lição", se recite o alfabeto, se copie muito da lousa, onde a disciplina seja rígida. Cabe ao educador saber trabalhar a partir disto. Como ressaltam Ribeiro et al (1997, p.42): "Com relação a educandos com estas expectativas, o papel do educador é ampliar seus interesses, mostrando que uma verdadeira aprendizagem depende de muito mais que atenção às exposições do professor e atividades mecânicas de memorização".

A escola também tem para os adultos um papel que ultrapassa em muito a aquisição de conhecimentos e conquistas cognitivas. É um papel, central, que se referem a sua auto-imagem e sociabilidade: perder a vergonha de falar, ganhar segurança, encontrar amigos, conviver com gente diferente, poder conhecer outras situações de vida. É fundamental que o programa de EDA ofereça possibilidade para que esta dimensão se desenvolva, da melhor forma possível.

Mais do que o educador de crianças, o educador de adultos deve ter a capacidade de lidar com a heterogeneidade que é sempre maior com adultos do que com crianças. É ainda importantíssimo que o educador se preocupe em conhecer a cultura e a vivência dos educandos.

Outro aspecto importante é o destacado por Ribeiro et al (1997, p.46): "É especialmente importante, no trabalho com jovens e adultos favorecer a autonomia dos educandos, estimulá-los a avaliar constantemente seus progressos e suas carências, ajudá-los a tomar consciência de como a aprendizagem se realiza. Compreendendo seu próprio processo de aprendizagem, os jovens e adultos estão mais aptos a ajudar outras pessoas a aprender, e isso é essencial para pessoas que, como muitos deles, já desempenham o papel de educadores na família, no trabalho e na comunidade".

Pelo exposto, pode-se ver como são enormes os desafios postos à EDA, sob todos os aspectos. Mas, por outro lado, é também uma experiência altamente gratificante. Vejamos isto mais de perto, numa experiência específica, a de Presidente Prudente.

A Prefeitura Municipal de Presidente Prudente firmou convênio com a Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e

Tecnologia em junho de 1997 na Semana da Cidadania com o Programa "Combate ao Analfabetismo" com o seguinte slogan : ANALFABETISMO : VAMOS APAGAR ESTA IDÉIA".

A UNESP entrou com a assessoria pedagógica da Profa. Maria P. De Fátima R. Furlanetti mais os alunos dos cursos de licenciatura que se inscreveram para o projeto e a Secretaria Municipal de Educação com duas professoras / orientadoras. A Prefeitura contribuiu com os passes de transportes para os monitores.

Apesar das dificuldades financeiras que passa atual gestão da Prefeitura, a Equipe de Coordenação da Secretaria sempre esteve pronta a nos facilitar os trabalhos , principalmente com material de papelaria , cadernos- lápis-borrachas-cartolinas - fotocópias (nos incluíram na quota) etc.. O Departamento de Educação da Unesp - F.C.T. - colaborou com um bolsista do departamento.

O nosso primeiro trabalho de parceria foi classificar os inscritos para o nosso projeto (que não estava pronto, foi sendo construído ao mesmo tempo em que deparávamos com os problema e dificuldades assim como também os acertos). Optamos por um processo classificatório, pois sabíamos que as salas de aulas que seriam montadas seriam de difícil acesso e de um horário não muito bom.

Tivemos duas monitoras que não passaram pelo processo, pois estas já atuavam no Bairro Morada do Sol, Km. 7, no local chamado pela comunidade de " Casa da Sopa". Estas professoras trabalhavam como voluntárias para a Instituição São Francisco Xavier, que oferece sopa todas às sextas-feiras. Entretanto, desde o início estiveram conosco em toda capacitação e formação em serviço e foram contratadas pela Secretaria de Educação como todas as outras monitoras.

O processo constou de entrevista e análise de currículo. Colocamos na primeira fase o pré - requisito que deveriam ter feito o curso de Magistério ou CEFAM, e que em outra fase mudamos os critérios pois constatamos que mesmo formados para séries iniciais não tinham experiências em alfabetização, portanto o que nos garantia a permanência do estagiário era a sua vontade de trabalhar nessas dificuldades já apontadas aqui e por nós nas entrevistas.

E as dificuldades foram muitas. Acreditávamos que os empresários, principalmente da construção civil fossem nos apoiar, pensamos também nos sindicatos, mas qual o quê ? Quem mais contribuiu foram as Associações de Amigos de Bairro que formaram classes, providenciaram salas, fizeram matrículas e as Igrejas, um pouco depois, com os grupos de Terceira Idade.

Contudo o nosso grande problema foi que, e já sabíamos muito bem disso, que os monitores não tinham experiência em docência e muito menos em alfabetização de adultos. Para

contratar pessoal com experiência não poderiam pagar uma bolsa de estagiário, mas para o estudante isto é uma grande ajuda. Aliás, pessoal com experiência em EDA não havia....

Assim, o nosso trabalho foi de formar em serviço os alfabetizadores. Tínhamos então dois processos de educação de Adultos : 1 - era formar o alfabetizador em serviço e 2- alfabetizar adultos.

Para isso foram desenvolvidas capacitações e formação contínua. Podemos assinar 3 etapas : A Primeira, logo após a classificação e durante uma semana perfazendo uma carga horária de 40 horas com todos os classificados (40 alunos dos cursos de licenciatura de Pedagogia, Ed. Física, Geografia e Matemática), buscamos refletir sobre os conceitos gerais tais como: O que é educação de jovem e adulto analfabeto, e o conceito de alfabetização. Repetimos a dose de 40 horas mais duas vezes. Encontramos as férias escolares da Faculdade para novos cursos com temas solicitados pelos monitores, como : o número e a resolução de problemas, cálculo mental e algoritmo, dinâmicas de grupo e criatividade para solução de problemas, planejamento, plano de aula e projeto pedagógico, aprendizagem significativa e outros.

A segunda etapa de capacitação ou melhor, acreditamos que devamos chamá-la de formação em serviço foi realizada durante o percurso dos trabalhos. Chamamos de Horário de Trabalho Pedagógico (HTP). Para conciliarmos o horário de aulas da Faculdade com o horário de trabalho com os alfabetizandos, esse novo horário precisou de muitas discussões até que se chegou ao consenso de todas as quintas feiras das 13 h. às 16 horas para alunos da manhã e de sexta feiras das 8h. às 11 horas para alunos da tarde.

Em tempo, o horário das salas de alfabetização de adultos é na maioria das vezes entre 18h. e 22 horas. Este horário também é discutido entre os monitores e seu grupo de alunos, sabendo que deverão cumprir 10 horas semanais presenciais com os alfabetizandos. Temos uma sala das 8h. às 10 da manhã e uma à tarde da 16h. às 18 horas, portanto são exceções.

Nos Distritos, que chegam a ter até 25 km de distância do Centro da cidade, o grupo chegou a conclusão que seria melhor fazer as 10 horas em três vezes por semana, assim a monitora não precisa viajar tanto.

Nestes encontros semanais (HTP) é que realmente houve capacitação e a formação em serviço. Antes de cada encontro a equipe pedagógica se reunia e era revisto o encontro anterior com os monitores, verificando através das questões levantadas por eles as necessidades mais emergentes. Assim nosso HTP tinha 1:30h. para apresentação de teorias que pudessem embasar a prática e na outra 1:30h. ficava para que pudessem preparar as aulas e materiais , trocar experiências, mostrar as produções de seus alunos. Tínhamos à nossa disposição a biblioteca

e a videoteca da Secretaria de Educação que nos foi muito útil para as elaborações de atividades.

Nos HTPs. desenvolvemos uma metodologia de trabalho que era de atender as solicitações dos monitores, administrar as ansiedades, as inseguranças e a credibilidade em seus próprio trabalho. Com o objetivo simples de "Instrumentalizar o jovem e o adulto para a leitura e escrita com a possibilidade de continuidade de escolarização", partimos do princípio de que o jovem e o adulto constroem sua escrita de acordo com os seus interesses e necessidades e com a sua própria leitura que já faz do mundo escrito.

Entendemos que os alfabetizandos possuem concepções acerca da língua escrita e que já possuíam comportamento letrado. O que realmente precisamos entender é que o trabalho pedagógico no ensino da língua escrita deve oferecer modelos de referência sobre as melhores possibilidades do seu uso, ampliar suas possibilidades cognitivas como: comparar, confrontar, ampliar, rever os diversos tipos e portadores de texto, afim de que se transformem em leitores e produtores de texto.

O aprendizado da leitura e da escrita ocorrerá quando lhe forem dado o tempo e as condições para que aprendam. E cada um tem seu tempo, e as condições necessárias é que possibilitarão a efetivação da aprendizagem.

Acreditamos portanto, nos progressos conceituais que os alfabetizandos alcançam dentro do processo de alfabetização. Acreditando no processo construído dia após dia, é que o alfabetizador fará as intervenções necessárias, buscando técnicas e atividades que contribua para as mudanças conceituais.

O professor/ monitor precisa entender o significado de aprender e ensinar para poder oferecer as condições necessárias ao processo ensino/aprendizagem de seu aluno e de si mesmo como sujeito do processo.

A terceira etapa foram os "encontrões" que foram poucos: em 1 ano conseguimos harmonizar os horários somente 3 vezes. Estes encontros foram solicitados pelo grupo para que pudessemos nos encontrar , a todos, para relatar as experiências satisfatórias e as não satisfatórias. A avaliação do grupo é que estes encontros foram muito bons, pois perceberam que os problemas e as dificuldades muitas vezes eram semelhantes e que podia-se aprender muito assim.

Desta forma fomos nos constituindo enquanto grupo e fomos nos percebendo no trabalho coletivo, quando aprendemos a lidar com nossos sentimentos, emoções e conhecimentos.

Portanto, tivemos muitos "encontrinhos" e " encontrões" que valeram a pena. As discussões foram sempre muito bem fundamentadas pela prática que viviam na sala de aula e nós da equipe de assessoria procurávamos buscar respostas através de nossa própria prática de alfabetizadoras. Assim muitas atividades nós recomendávamos baseados nas teorias que

fundamentam o professor desafiador e desequilibrador e muitas outras de nossas experiências vividas com crianças e adultos.

O nosso objetivo é de desestabilizar os monitores para que sempre estejam procurando novas respostas para velhos problemas ao mesmo tempo temos que dar sustentação para as suas ansiedades e incertezas na sala de aula.

Podemos dizer que terminamos este primeiro ano de trabalho com nem todos os objetivos realizados, mas obtivemos exclamações de nossos monitores como: "ALFABETIZANDO OS ADULTOS DESCOBRI QUE ESTOU NO CAMINHO CERTO. É ISTO QUE EU GOSTO DE FAZER."

Em primeiro lugar, para se tornar leitor, temos que ler. Ler significa compreender a função social do que está escrito, por que está escrito naquele portador de texto e naquele tipo de texto (que pode ser um livro de contos, de poesia, romance ou jornal, revista, rótulos, panfletos, etc...)

Ler escritos reais. Ler o que precisa ser lido. É lendo "de verdade" que o tornaremos leitor.

Em segundo lugar, quando iniciamos sempre nos perguntam: E quem não sabe nem o nome da letra do seu nome? Por onde eu começo?

Sempre respondemos: Quem bom que não sabe o nome da letra, por que assim ele aprenderá a ler e a escrever o seu nome, por inteiro, como um grande texto que é a sua vida. E o nome se torna GRANDE, pois se reconhece em sua própria história.

É assim que começamos: com o Nome Próprio - MARIA - que o alfabetizando sabe quem é e o reconhece como seu. Se apropriou de seu nome e de sua história, portanto, de sua identidade.

Ele pega o seu nome **M A R I A**, compara com o da colega **M A R I A N A**. Tem alguma coisa diferente? Conte a sua história. Por que tem este nome? Onde nasceu? Por que está aqui? E o diálogo do grupo se inicia.

Em grupos, os alfabetizandos, confrontam o seu nome com os dos colegas e são desafiados a entender: para escrever uma palavra é necessário letras e essas letras são específicas em lugares específicos, por exemplo:

MRTIAS DE MARIA.

No confronto percebem nomes com mais letras e letras diferentes das suas. Colocam o nome em ordem decrescente e crescente pelo mínimo de letras.

Faz-se então a lista do nome dos alunos que freqüentam:

MARIA
PAULO
JOANA

MARIANA
MARCELO
CONCEIÇÃO
BERNADETE...

Entretanto, não é assim que encontramos as listas de nomes, por exemplo, na lista telefônica, no dicionário, então, mostra-se o alfabeto para que conheçam a ordem formal. A partir daí elabora-se a lista pela letra inicial:

BERNADETE
CONCEIÇÃO
JOANA
MARCELO
MARIA
MARIANA
PAULO...

Aprendendo a fazer listas, aprendem a importância deste tipo de texto e começamos a elaborar várias listas, por exemplo: de compras, de material escolar, utensílios de cozinha, etc...

Ao mesmo tempo, resgatamos o seu conhecimento sobre ditados populares. Por que? O ditado popular é algo conhecido, que já sabem falar bem. O professor anota os ditados populares na lousa e prepara o material para ser lido nos dias seguintes, assim:

ÁGUA	MOLE	EM	PEDRA	DURA
TANTO	BATE	ATÉ	QUE	FURA

Essa é uma atividade interessante. O alfabetizando vai ler algo conhecido, vai identificar as palavras e conhecer o que é uma palavra, por exemplo: a palavra EM, de início eles não a contam como palavra, assimilando conforme o pedido, por exemplo: pinte a palavra PEDRA em vermelho e assim por diante. Depois, recorta-se (por isso o ditado vem dividido em palavras) e montam o ditado, colando-o em outra folha.

Em nossos encontros semanais - Horas de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTP), procuramos trazer as experiências pedagógicas dos professores para discussão e busca de compreensão do processo de alfabetização. Temas que estão em noticiários foram sempre abordados, por exemplo: copa do mundo, eleição, horário eleitoral, propagandas e também acontecimentos dos bairros onde moram, filas de espera para consultas, etc...

As atividades trabalhadas em grupos são muito interessantes, apesar de que alguns alunos

alfabetizando demonstram certa resistência. Resistência por que conhecem aquela escola que não freqüentaram e que seu filho freqüenta, onde todos sentam individualmente e não podem trocar "idéias". A cartilha também é um exemplo. Os alfabetizandos perguntam sempre no início do processo, quando vão usar a cartilha. Até levam a dos filhos.

Os monitores têm, em primeiro lugar, que acreditar em seu próprio trabalho, para depois, convencer os alfabetizandos da importância do trabalho em grupos ou em parcerias. E este foi um trabalho que demandou tempo. Horas de reflexão e estudos nos HTPs, para que entendessem o que é uma aprendizagem significativa e que respeita o sujeito como sujeito de seu conhecimento.

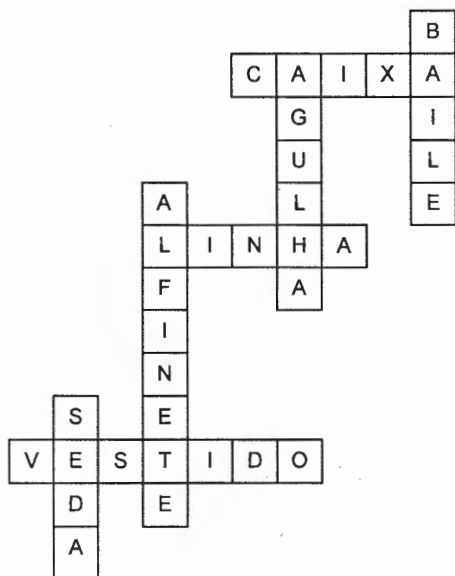
Algumas atividades são ótimas para serem trabalhadas em duplas, por exemplo: Texto de classificados, publicitários e portadores de textos que são entregues em supermercado sobre as ofertas da semana. Depois criam o seu próprio texto utilizando o alfabeto móvel.

O objetivo de se trabalhar com o alfabeto móvel é de desafiar o alfabetizando a escrever com "todas as letras" e em dupla alcançamos efetivamente este objetivo.

Quando trabalhamos contos e histórias desenvolvemos atividades de palavras cruzadas, caça-palavras e o bingo de palavras, por exemplo:

Conto: Apólogo

Autor: Machado de Assis



Chamamos a atenção para que as atividades sejam sempre elaboradas de forma que o alfabetizando não escreva por escrever mas que reflita sobre o próprio processo.

Uma música que foi trabalhada e teve muito sucesso foi a: "Chico Mineiro", e sempre na introdução de um novo texto são feitas perguntas do tipo:

1. *Que tipo de texto é esse?*

É receita de bolo?

É lista de compras?

É uma história?

É um conto?

2. *O professor lê o título e pergunta:*

O que o título sugere?

Vocês conhecem?

É uma canção?

3. *Vamos cantá-la?*

A música do Chico Mineiro é bem conhecida e por isso, o alfabetizando lê e se sente leitor. Com este texto procuramos trabalhar:

- linguagem oral e linguagem escrita;
- região de Goiás (mostrando no mapa);
- o que é a Festa do Divino;
- Por que é mineiro (qual o aluno que é mineiro ou de outros estados - busca-se novamente no mapa para mostrar os estados e suas capitais), e
- migração, imigração e emigração.

Desta forma todos os textos foram sendo discutidos pelos professores junto com os alfabetizandos.

Momento precioso, quando uma aluna que gosta de "repente" cantou:

Com pena peguei na pena

Com pena para te escrever

Com pena escrevi teu nome

Com pena não pude ler

A professora aproveitou o verso, explicou o que é "repente", rima e o tema passou a ser carta.

Foi desenvolvida a escrita da carta, que deu origem a outras atividades como: telegrama, bilhete e cartas para as autoridades (ofício) e teve uma sala que mandou um ofício ao Prefeito para melhorias no bairro, principalmente para plantarem árvores.

Outros temas foram abordados e de acordo com o interesse da sala. Os temas surgem de várias formas: pela TV, através das campanhas de saúde como a da AIDS e a Dengue. Para estes temas convidamos pessoas do Posto de Saúde dos bairros para fazer as palestras. É trabalhado o texto das campanhas: Como se faz um cartaz, um panfleto, etc...

Percebemos que a escrita começa a fazer sentido para os alfabetizandos quando eles passam a levar para a sala de aula algumas referências do que encontram no seu cotidiano.

Um aluno do Jardim Alvorada leu um placa na rua e levou para a classe o papel onde ele havia escrito o texto: "VEÍCULOS NOVOS E USADOS".

Uma senhora pegou o alfabeto móvel e escreveu "CECAP". Perguntou à professora se estava escrito Cecap e a professora confirmou. A aluna comentou: "ESSE ÔNIBUS EU NÃO PERCO MAIS".

Na sala da Profa. Eulália, durante uma atividade com rótulos de embalagens uma aluna levantou, abriu os braços e disse:

"EU VEJO NO ARROZ O 1 E O 2. ESCOLHO QUAL QUERO COMPRAR. MAS É HOJE, PORQUE HÁ UM ANO EU NÃO SABIA, PORQUE ERA ANALFABETA."

No mês de dezembro houve a "formatura", entrega dos certificados, com a presença maciça dos alfabetizandos (168). Foi uma festa bonita. Houve discurso da Oradora, que escreveu com suas próprias mãos em letra bastão, e leu no microfone em nome de todos os colegas. Terminou seu discurso dizendo :

" ... ANTES NÓS ERA CEGO , HOJE A GENTE PODE VER O MUNDO PORQUE JÁ SABEMOS LER"

Todavia, podemos dizer que o discurso do Prefeito também foi muito interessante, pois ele terminou fazendo dois pedidos à platéia:

1- que avisassem seus vizinhos, parentes e conhecidos que o curso de alfabetização de adultos vai continuar até o ano 2000;

2- que não parassem de estudar, pois todos teriam vaga para dar continuidade à escolaridade.

Desde que começamos a trabalhar neste projeto, a gente vem insistindo para que não se

esqueçam de ampliar as vagas para a suplência de 3^{as} e 4^{as}. Séries, para que pudéssemos encaminhá-los na continuidade de estudos. Na festa presenciamos a promessa do Prefeito.

Mas algumas conquistas nós já obtivemos:

1- os nossos alunos fizeram o teste de escolaridade em suas próprias salas de aulas e com seus monitores. Apesar de ainda não termos o acesso à produção destes testes;

2- a correção também foi feita pelos monitores nos HTPs. e assim pudemos assessorar também nesta avaliação;

3- os nossos alunos farão matrículas nas série a que eles ingressarão um dia antes da abertura oficial da matrícula. E podemos declarar que os nossos alunos não foram só para a 3^a. série, mas alguns ingressarão nas 4^{as}. e até nas 5^{as}. Série.

A próxima conquista será de que após a municipalização, os prédios que funcionarem durante o dia para o primeiro grau de 1^a. à 4^a. série do ensino regular durante o dia, no período noturno, teremos também de 1^a. à 4^a. série para os adultos, num sistema não informal que respeite as peculiaridades dos jovens e adultos.

Quando relatamos as conquistas queremos também que fique claro que são conquistas. E se são conquistas é porque precisou de negociação e discussão. Sabemos que este Secretário da Educação está empenhado com o nosso projeto e que tem apoio do Prefeito, mas sabemos também que não depende exclusivamente deles, acreditamos que além dos nossos " governantes estaduais e federais " precisamos sensibilizar a sociedade civil para que tenhamos forças para enfrentar o desafio de mudar a política educacional , colocando como prioridade a educação básica das crianças, dos jovens e adultos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DI PIERRO, Maria Clara. Educação de jovens e adultos no Brasil: questões face às políticas públicas recentes. *Em Aberto*, Brasília, v. 11, n. 56, out/dez, 1992.

HADDAD, Sérgio. Tendências atuais na educação de jovens e adultos. *Em Aberto*, Brasília, v. 11, n. 56, out/dez, 1992.

RIBEIRO, Vera M. M. et al. **Educação de jovens e adultos**: proposta curricular para o 1º segmento do ensino fundamental. São Paulo: Ação Educativa, 1997.